

NEVES, Walter Alves & PILÓ, Luís Beethoven. *O povo de Luzia: em busca dos primeiros americanos*, São Paulo, Globo, 2008, pp. 336.

José Francisco Carminatti Wenceslau
Universidade de São Paulo

Há séculos, a história da ocupação humana da América vem sendo debatida, e, sem dúvida alguma, ainda estamos muito longe de colocar um ponto final à questão. Partindo das especulações sobre a origem dos povos indígenas, pelos europeus que primeiro pisaram no continente, e chegando às pesquisas arqueológicas e antropológicas que definem os estudos sobre o tema no início do século XXI, passamos por uma extensa gama de trabalhos que tentaram responder algumas perguntas sobre os primeiros habitantes das Américas: como e quando chegaram aqui, sua ascendência, seus costumes, suas crenças e relações com o ambiente que os cercava.

É com isso em mente que Walter Neves e Luís Piló escreveram *O povo de Luzia: em busca dos primeiros americanos* (2008), proporcionando uma viagem intrigante pela breve e recente história da paleoantropologia brasileira. Esta jornada começou nas primeiras pesquisas de Peter Wilhelm Lund em Lagoa Santa (MG), nas décadas de 1830/1840, até as atuais descobertas feitas pelos próprios autores e por outros arqueólogos da América Latina, desafiando a hegemonia norte-americana na área.

Durante os anos 80, estudos liderados por Christy Turner (1984), da Universidade do Arizona, mostraram que os padrões dentários dos índios americanos são semelhantes aos dos mongoloides do nordeste asiático (sinodontes). Com o auxílio de pesquisas em genética e linguística, ele propôs três levas migratórias: uma mais antiga, que teria dado ori-

gem a quase todos os índios da América, e outras duas, posteriores, que teriam dado origem aos Na-Dene e aos Aleuta-Esquimós. Da primeira leva teria surgido a cultura Clovis, tida pelos norte-americanos como mãe de todas as culturas ameríndias posteriores e cujos vestígios mais antigos não ultrapassam 11,2 mil anos (não calibrados). Contudo, os registros da América do Sul não corroboram tal proposta, pois as indústrias líticas e os hábitos de caça e coleta locais eram muito diferentes daqueles da América do Norte. Ademais, pesquisas recentes mostraram que nem todas as populações americanas são sinodontes, como os Maias e algumas populações pré-históricas do Chile. É por essa ótica que os pré-clovistas, dentre eles os autores do livro, defendem que a ocupação da América se deu antes de 11,2 mil anos. Uma das evidências incontesteáveis disso são as descobertas de Tom Dillehay (1988) no sul do Chile, situando a ocupação daquela região em pelo menos 12,3 mil anos.

É aí que entra Luzia. Seus ossos foram encontrados pela missão franco-brasileira, coordenada pela arqueóloga francesa Annette Laming-Emperaire, em meados da década de 1970, na Lapa Vermelha IV, em Lagoa Santa. A análise das camadas estratigráficas onde seus remanescentes foram encontrados possibilitou estimar sua idade entre 11,5 e 11 mil anos, fato esse que lhe deu o título de esqueleto humano mais antigo das Américas. Apesar dessas evidências, Luzia teve que esperar mais de vinte anos até que sua inclusão nos trabalhos de Walter Neves e colaboradores viesse apoiar a tese defendida pelos pré-clovistas, dando-lhes força na luta contra a conservadora arqueologia norte-americana.

As ideias expostas na obra apresentam-se como revolucionárias: além do povo de Luzia ter chegado à América antes do estabelecimento da cultura Clovis, ele provavelmente tinha uma maior similaridade morfológica craniana com populações africanas e australianas do que com mongoloides, como propôs Turner, com base nos dentes. Somado a isso, é provável que os primeiros habitantes da região tenham convivido com

a megafauna ainda presente ali no final da última era glacial, sem, contudo, ter dependido dela como fonte de recursos, como aconteceu na América do Norte.

Com essas e outras proposições é que o livro pretende divulgar para o público não especializado conceitos sobre evolução humana, ocupação da América, e, acima de tudo, explicar como o estudo do povo antigo de Lagoa Santa vem influenciando os rumos da arqueologia nas Américas. Com linguagem fácil e tentando sempre se aproximar ao máximo do público leigo, os autores passam pelos bastidores de todo o processo científico que teve como ápice a divulgação de Luzia pela mídia nacional e internacional a partir de 1999. Assim, trazem à tona todos os percalços pelos quais passa uma descoberta antes que ela chegue ao grande público, mostrando, definitivamente, que no Brasil também pode se fazer pesquisa de ponta. É assim que Neves e Piló iniciam seu livro.

No primeiro capítulo, fornecem aos leitores o conhecimento científico necessário para se compreender o trabalho na área, mas sem tornar a leitura maçante aos mais experientes. Abordam de maneira resumida, mas suficiente, conceitos sobre genética e evolução, derrubando alguns mitos criados a esse respeito, atendo-se posteriormente à evolução da nossa própria linhagem, os hominíneos. Este cenário abrange desde a nossa diferenciação dos chimpanzés, partindo de um ancestral comum, até as adaptações anatômicas e comportamentais que proporcionaram o surgimento do *Homo sapiens* e sua expansão pelo mundo, culminando na chegada às Américas.

É sobre a colonização do Novo Mundo que o capítulo 2 mantém seu foco. Nele, os autores resumem os trabalhos mais importantes com relação à chegada do homem ao nosso continente, trabalhos esses praticamente monopolizados pelos cientistas norte-americanos. Sobre isso, é interessante salientar o parêntesis que fazem com relação à “receita perfeita para a falta de êxito” da arqueologia latino-americana, nas páginas

72 e 73, elencando fatores que de alguma forma acabam emperrando o desenvolvimento da área em nosso país e nos países vizinhos, tais como a falta de recursos, o arcaísmo burocrático, a formação teórico-metodológica defasada da maioria dos profissionais envolvidos e a publicação dos resultados das pesquisas em periódicos locais de baixo ou nenhum impacto. Como exemplo disso, citam vários sítios arqueológicos brasileiros que poderiam derrubar o modelo Clovis, mas que, por um motivo ou outro, não chegaram a emplacar. O próprio sítio onde Luzia foi descoberta é um deles. O problema de Lapa Vermelha IV é que, por ser praticamente uma fenda, suas características topográficas fazem que os horizontes sedimentares mais antigos do que 7 mil anos ocupem uma área muito pequena, além de coexistirem, no mesmo nível, sedimentos com idades diferentes, dificultando uma identificação precisa das idades dos vestígios ali encontrados. Para dificultar ainda mais, Annette Emperaire, responsável pelas escavações, morreu durante as pesquisas, o que deixou os trabalhos no limbo.

No terceiro capítulo a ênfase é voltada para os estudos do dinamarquês Peter Wilhelm Lund, pai da paleontologia brasileira, e aos arqueólogos que, sob o seu legado, mantiveram as pesquisas na área durante o final do século XIX e todo o século XX. Lund chegou ao Brasil pela primeira vez em 1825, vindo a regressar no ano de 1833, a princípio planejando conhecer a flora brasileira. Somente em 1835 é que deu início à exploração das cavernas na região de Lagoa Santa, fazendo a descoberta de seus primeiros fósseis. A empolgação que teve pelas escavações fez que ele se dedicasse a esse trabalho intensamente durante cerca de dez anos. É de sua pesquisa pioneira que partiram as inspirações para a continuidade dos trabalhos na região, culminado, na década de 1970, com a descoberta do esqueleto de Luzia.

Apesar de Lund, em sua época, já ter notado a semelhança entre os crânios de Lagoa Santa e os da Australo-Melanésia, Neves e Piló encon-

traram dificuldades para legitimar a similaridade dos primeiros americanos com essas populações, bem como para formular a hipótese da ocorrência de uma leva migratória para o Novo Mundo anterior àquela que deu origem à cultura Clovis. É sobre isso que eles contam no capítulo quatro. Tal proposta, mesmo sendo comprovada por outros grupos de pesquisas, inclusive dos Estados Unidos, mostrou-se de difícil aceitação. Porém, em 1998, esse cenário mudou. Nesse ano, Walter Neves apresentou os resultados de suas pesquisas no congresso da Associação Norte-Americana de Antropologia Física e, em 1999, publicou-os na revista "Homo" (Neves, Powell & Ozolins, 1999), fazendo o mundo conhecer Luzia. Uma guerra foi então declarada aos arqueólogos norte-americanos para que suas ideias fossem ao menos consideradas por eles. Para isso seria necessária uma nova missão científica em Lagoa Santa, a fim de coletar mais material, além de melhor aproveitar as informações já existentes. Com esta intenção, foi criado o projeto "Origens e microevolução do homem na América: uma abordagem paleoantropológica". É sobre ele que Neves e Piló se debruçam nos capítulos seguintes.

Além de detalharem as características físicas do carste de Lagoa Santa, tais como seu relevo, sua hidrografia, vegetação e fauna, chamam a atenção para a natureza das cavernas da região, cuja composição calcária facilita a conservação dos fósseis. No sexto capítulo, os autores detalham as inúmeras atividades do projeto acima referido, bem como os resultados conseguidos até o momento da preparação do livro. As metas eram: procurar por evidências pré-clovis (anteriores há 11,2 mil anos) na região; demonstrar a antiguidade dos remanescentes ósseos humanos de Lagoa Santa, bem como melhorar ainda mais a amostra; tentar reconstituir como viviam, concretamente, os grupos humanos que ali habitaram na transição do Pleistoceno para o Holoceno; entender os processos que atuaram antes, durante e depois da deposição dos restos inorgânicos e orgânicos nos sítios; gerar interpretações paleoambientais para a re-

gião nos últimos 12 mil anos; e, por fim, confirmar ou não a tese da convivência entre o homem e a megafauna extinta em Lagoa Santa.

Dessas metas, a última foi a que talvez trouxe os resultados mais reveladores. Foi confirmada, através da datação por C¹⁴, a contemporaneidade entre a megafauna extinta e a população humana lagoassantense. Mas, por enquanto, não foi encontrado nenhum registro de que tenham interagido de alguma forma. Ao contrário do que se observa na cultura Clóvis na América do Norte, Luzia e seus contemporâneos davam preferência à coleta, sendo a caça limitada aos pequenos animais que ainda hoje existem na região. Aliás, esta acabou se tornando uma importante evidência de que a matança em massa não foi responsável pela extinção da megafauna na América do Sul.

Em 2005, o projeto atingiu seu ápice, ao reunir 81 crânios de Lagoa Santa medíveis e bem datados. Suas idades ficaram entre 9 e 7,5 mil anos (com exceção de Luzia) e todos mostraram semelhanças morfológicas com populações australo-melanésicas. Já não havia mais como negar a hipótese de Neves e associados: a América foi realmente colonizada minimamente por uma leva migratória anterior àquela que deu origem à cultura Clovis; mais ainda, a população siberiana responsável por essa migração ainda não tinha traços mongoloides. Uma batalha foi vencida. Superando todos os obstáculos e as dificuldades para conseguir emplacar uma descoberta científica, logrou-se publicar tais conclusões no PNAS (*Proceedings of the National Academy of Sciences*), validando definitivamente todo o trabalho feito durante os anos anteriores (Neves & Hubbe, 2005).

No penúltimo capítulo passamos a entender não só a biologia do povo de Luzia, mas também seus costumes e seu modo de vida. Os autores tentam reconstruir o cotidiano desse povo, tendo em vista o debate entre as duas linhas teóricas da antropologia cultural: a *escola simbolista*, pregando que “o comportamento humano depende única e

exclusivamente dos valores simbólicos de uma sociedade, [e que] a cultura teria completa independência de fatores ambientais ou adaptativos” (p. 287), e a *escola materialista*, que, sem negar a importância dos valores simbólicos, crê que o ambiente tem papel fundamental na construção de elementos culturais, dizendo que “pelo menos algumas características de uma sociedade específica podem ser respostas adaptativas a circunstâncias ambientais específicas” (p. 288).

Na arqueologia é mais fácil manter o foco nas interpretações materialistas, pois é apenas com isso que os registros fósseis nos possibilitam trabalhar. Mas, na medida do possível, Neves e Piló se permitem arriscar algumas interpretações sobre os valores simbólicos do povo de Lagoa Santa, tendo em mente, porém, que nenhuma dessas conclusões são definitivas, havendo sempre um longo caminho pela frente para que os hábitos dos primeiros lagoassantenses sejam definitivamente compreendidos.

É com essas perspectivas futuras que os autores finalizam seu livro. Ao revisar as descobertas feitas ao longo desses anos, talvez o mais importante que fique sejam as novas perguntas que delas surgiram: Que fim tiveram as populações não-mongoloides? Se o povo de Luzia conviveu durante 2 mil anos com a megafauna pleistocênica, por que, então, não fez uso dela? Quais as alterações climáticas que levaram à extinção da megafauna sul-americana no início do Holoceno? Como eram as condições ambientais que regeram a ocupação humana na região central do Brasil durante os últimos 12 mil anos? São com essas e outras questões que os autores incitam a curiosidade dos leitores, esperando que não só os já familiarizados com a paleontologia, a arqueologia e a bioantropologia, mas também os marinheiros de primeira viagem tenham seu interesse despertado.

Mais uma vez, é importante ressaltar que mesmo os leitores menos experientes passarão pelo livro sem problemas. Os autores, na sua intenção de agradar a todos os públicos, não abrem mão de notas durante

o texto, permitindo aos não familiarizados com o assunto tirar dúvidas que porventura surjam durante a leitura, mantendo, ao mesmo tempo, um bom ritmo para aqueles que já tenham um maior conhecimento.

É importante salientar que esse não é apenas um livro de divulgação científica, pois seus autores fazem questão de expor, de forma clara, questões precedentes a isso, que até então só eram do conhecimento dos profissionais da área. Para aqueles que só conheceram Luzia após sua reconstituição facial ser publicada na capa da revista *Veja* (edição 1612, de 25 de agosto de 1999), o livro mostrará grande parte do que acabou ficando nos bastidores. Os leitores terão então a oportunidade de descobrir todo o histórico de derrotas e pequenas porém significativas vitórias, pelo que passou a arqueologia latino-americana antes que essa estrela fosse revelada, reformulando a história do ser humano em nosso continente.

Quanto a isso, Neves e Piló são muito felizes ao fazerem suas digressões a respeito das *nuances* que envolvem o processo de legitimação do conhecimento científico, mostrando aos leitores que ciência, principalmente em nações com pouca tradição acadêmica como o Brasil, está longe de ser um mar de rosas. Uma notável consequência é que, ao fazê-lo, eles a tiram de seu pedestal e a trazem para perto do grande público, um feito importante num contexto em que a ciência esteve sempre confinada às elites.

Espera-se que *O povo de Luzia* ajude a compreender não só a história dos primeiros humanos no continente americano, mas também os detalhes por trás da construção do que hoje sabemos sobre eles. E “que a terra lhes seja leve! Sobretudo para aqueles que ainda não foram desenterrados” (p. 306).

Bibliografia

TURNER II, C. G.

1984 "Advances in the dental search for native American origins", *Acta Anthropogenetica*, vol. 8:23-78.

DILLEHAY, T. D. & COLLINS, M. B.

1988 "Early cultural evidence from Monte Verde in Chile", *Nature*, vol. 332:150-2.

NEVES, W. A; POWELL, J. F; OZOLINS, E. G..

1999 "Extra-continental morphological affinities of Lapa Vermelha IV, Hominid I: A multivariate analysis with progressive numbers of variables", *Homo*, vol. 50:263-82.

NEVES, W. A; HUBBE, M.

2005 "Cranial morphology of early Americans from Lagoa Santa, Brazil: Implications for the settlement of the New World", *Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America*, vol. 102:18309-18314.

